

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO ESPECIAL: estágio obrigatório e PIBID

Andressa da Costa Sousa

Universidade Federal do Piauí
andressamusicista@hotmail.com

Pamela Cristiana de Almeida

Universidade Federal do Piauí
pamelacristiana@yahoo.com.br

Paula Maria Aristides de Oliveira Molinari

Universidade Federal do Piauí
paulamolinari@ufpi.edu.br

RESUMO

Partindo da experiência de campo proporcionada pelo PIBID e pelo estágio supervisionado obrigatório em música tivemos como objetivo principal relatar as observações sobre o processo de aprendizagem de crianças com necessidades especiais na perspectiva da pesquisadora observadora participante do processo. Escolhemos o relato de experiência como forma de suscitar a discussão que gerou como considerações finais, de forma sucinta, a necessidade de continuidade e de valorização de ações no âmbito do ensino, da extensão e da pesquisa, na área específica.

Palavras-chave: Educação Especial. Educação Musical. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu da observação realizada em dois períodos de meu percurso formativo. O primeiro como bolsista do PIBID/CAPES - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e o segundo, na atividade de estágio supervisionado obrigatório, módulo I, onde está prevista a observação de aula. Ambos períodos foram realizados num Centro de Educação Especial, na cidade onde resido, uma capital do nordeste brasileiro.

Como aluna do curso de Licenciatura em Música, cursando o sexto período de oito previstos em fluxo curricular, senti a necessidade de comunicar-me mais com estudantes e pesquisadores com atuação na educação especial e inclusiva. Vale dizer que estudo numa IES Federal - Instituição de Ensino Superior Federal que não possui em seu fluxo curricular a disciplina, ou até mesmo, o conteúdo educação especial. Face ao exposto, o objetivo principal deste trabalho é relatar as observações sobre o processo de aprendizagem de crianças com necessidades especiais sob a ótica de minha participação como observadora participante do processo.

75

O texto que segue apresenta uma breve revisão de literatura para melhor situar o estado da discussão, seguido do relato das experiências observadas em campo já com a análise e discussão inseridas no contexto descritivo e as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Acredita-se que a música sempre fez parte das civilizações, desde os seus primórdios e que as primeiras manifestações musicais conscientes datam de cerca de 70.000 anos atrás. As primeiras provas concretas sobre a música parecem ter surgido da exploração de cavernas e encostas com pinturas rupestres e já que nelas estavam presentes imagens representativas de danças e ritmos diversos. Na concepção de Brito (1998), "a música é a alquimia que organiza sons de diferentes qualidades, gerando emoções, sensações, percepções e pensamentos que refletem o modo de sentir, perceber e pensar de um indivíduo, de uma cultura ou época". É fato constatado nas neurociências que a música, uma vez que é matéria e interfere na

matéria, além das características sensoriais individuais de recepção pode contribuir com pessoas que tenham necessidades especiais de diversas formas. Ela coloca-se como um excelente recurso pedagógico por favorecer o desenvolvimento cognitivo, ao estimular a acuidade auditiva e visual, assim como desenvolver a memória e a atenção, e, de modo especial, despertar no indivíduo o senso estético que vai transparecer em sua criatividade. Além disso, a música também é forte propulsora do processo de inclusão social e educacional.

Por esse pressuposto, e devido ao período de observação pude levantar questionamentos próprios do meu período de desenvolvimento, sobre o processo de ensino-aprendizagem de música para crianças com necessidades especiais, partindo da situação-problema para a busca de teorização, daí, apresentamos a seguir o que nos serviu de marco teórico legal e específico sobre o processo de aprendizagem.

3 REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

76

Entende-se por educação especial a educação dirigida aos portadores de necessidades especiais mental, auditiva, visual, física múltipla e portadores de altas habilidades. A deficiência refere-se à perda, anormalidade de estrutura ou função de toda a alteração do corpo ou da aparência física, de um órgão ou de uma função, qualquer que seja a sua causa. A incapacidade refere-se à restrição de atividades em decorrência das consequências de uma deficiência em termos de desempenho e atividade funcional do indivíduo e que representam as perturbações ao nível da própria pessoa (AMARAL; AQUINO, 1998, p. 24)

Para Amaral:

Desvantagens referem-se à condição social de prejuízo que o indivíduo experimenta devido a sua deficiência e incapacidade, as desvantagens refletem a adaptação do indivíduo e a interação dele com seu meio'. (AMARAL; AQUINO, 1998, p. 24-25).

Acreditamos na afirmação de que o processo de ensino-aprendizagem de cada indivíduo, com ou sem deficiência, ocorre num processo de respeito, diálogo e trocas de vivências, já que um ambiente saudável, estimulante e facilitador da aprendizagem,

é forte aliado de prática pedagógica diferenciada, que corrobora para a assimilação dinâmica e inclusiva de deficiências e diferenças. Daí a necessidade de reconstrução contínua dos fazeres e saberes que envolvem –o.

Inspiradas em Vygotsky (1989) entendemos a interação social como determinante no processo portanto, resguardar, propiciar e incentivar a mesma oportunidade de contato com apreciar e viver a música em um ambiente é prerrogativa para qualquer indivíduo.

Como assegura Penna (2012),

a musicalização é um momento da educação musical, mas, mesmo quando inserida numa formação mais prolongada (que se quiser ser realmente eficaz deverá construir-se a partir dela), tem importante significado próprio, não se definindo por esta sua localização em um trajeto mais amplo. Em si mesma é significativa e necessária, indispensável ao desenvolvimento de uma competência musical sólida. (PENNA, 2012, p. 49).

Barreto e Chiarelli (2011) informam que a música é uma atividade que serve de estímulo para crianças com deficiência e com dificuldades de aprendizado, isto porque, as crianças com deficiências e os autistas têm facilidade de reagir com a música, que torna o ambiente escolar mais agradável e relaxante para superar as dificuldades de aprendizado. Ainda que existam conceitos que tratam da música como relaxante, preferimos dizer que a música propicia um ambiente **estimulante** para qualquer aprendizagem desde que, cuidadosamente planejada para tal.

Acredita-se que a musicalização, durante o processo de aprendizagem facilita o educador a dar mais liberdade aos alunos de se expressarem.

Oportunizar as pessoas que possuem necessidades especiais a vivenciarem situações de troca nos níveis afetivo, lingüístico, intelectual e motor, bem como, participarem de forma cooperativa em grupos escolares em que se encontram inseridos, são ações fundamentais para a inserção destas nos grupos sociais de sua convivência.

4 PERSPECTIVAS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Consideramos dois momentos de observação participante, a saber: o primeiro enquanto ação relacionada ao PIBID e o segundo, enquanto ação relacionada ao estágio supervisionado obrigatório, como parte da formação na licenciatura em música.

4.1 Observação na perspectiva em atividade no PIBID

A observação participante foi realizada num centro de educação especial no estado do Piauí. Este centro tem por principal objetivo elevar o desenvolvimento dos indivíduos para o processo de inclusão, tanto do ponto de vista da relação escola/sociedade, como da relação família/sociedade.

Este centro atende cerca de 400 (quatrocentas) crianças e adolescentes, conforme dados colhidos em Julho/2011, com diversas deficiências/síndromes, das quais podemos citar: autismo, distrofia cerebral, esclerose cerebral, hemiplegia, hidrocefalia, hiperceinesia, lopodistropia, microcefalia, mielo meningocele mitocandrial, neuroplastoma, paralisia cerebral, retardo mental, síndrome de Arnold, síndrome de Down, síndrome de Moebius e outros. Diante das limitações que essas deficiências/síndromes apresentam, esse centro trabalha com o Atendimento Educacional Especializado – AEE que tem por objetivo estimular a atenção, percepção, memória, transferência, metacognição, linguagem e pensamento desses indivíduos.

A situação local aponta para uma parte significativa de indivíduos que estão matriculados em escolas da rede pública, com menor, mas não inexistente, daqueles que estão no ensino privado.

Existe uma atividade que é o projeto “Contando Histórias”. Essa atividade está posta como complementar porém, na observação participante realizada, vimos que é o núcleo de sustentação e promoção da transdisciplinaridade e da multidisciplinaridade, uma vez que todas as áreas de atendimento (docentes, discentes, estagiários, funcionários dos diversos setores) são envolvidos para realização dessa atividade. É escolhido uma historia infantil pelo coordenador pedagógico. Este reúne todos os

docentes da instituição para discutirem quais os benefícios aquela história pode proporcionar para a aprendizagem daquelas crianças e quando decidido em equipe esta mesma história é trabalhada na sala de AEE, nas aulas de informática e também na sala de Contação. À a partir daí, a história é contada por cerca de um mês, a contadora apresenta a história utilizando diferentes recursos (imagens, brinquedos, músicas, gestos). Após um mês de trabalho há a culminância com dramatização no auditório do centro. Essa dramatização é encenada pelos professores e alguns. Através deste projeto houve a atuação do PIBID/Música onde, enquanto equipe de 10 integrantes/PIBID fomos responsáveis por uma parcela da criação musical do projeto no qual pudemos desenvolver atividades de musicalização por meio de canções.

Quando falamos em musicalização entendemos que é o exposto por Bréscia:

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, que desperta e desenvolve o gosto musical, onde, favorece o desenvolvimento da sensibilidade, senso- rítmico, do respeito ao próximo, do prazer de ouvir música, a afetividade, memória, criatividade, autodisciplina, concentração, imaginação, socialização e atenção, onde também é construído uma movimentação e uma consciência corporal (apud BARRETO; CHIARELLI, 2011, p.3),

79

Verifica-se que a musicalização tem a intenção de tornar o indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno sonoro.

Durante as contações notou-se o desenvolvimento dessas crianças, uma vez que a cada semana íamos apresentando canções distintas, onde foram escolhidas 3 três canções, duas canções de Chiquinha Gonzaga (Canção dos pastores e Ó abre alas) e uma composição de uma colega de equipe (Orgulho do papai). Tais músicas eram apresentadas através de imagens, sons e cartazes, e era tocante observar como havia reflexo no aprendizado global. Apesar das dificuldades que algumas crianças tinham em pronunciar as palavras elas cantavam as canções interagindo com os demais, notou-se também que as crianças com paralisia cerebral que tinham comprometimento de seus membros demonstravam reações através do olhar ou alguma agitação, assim interagindo e dando-nos sinais de que respondiam ao proposto.

Segundo Ruud:

A música agrada ao ser humano como um todo e influencia a personalidade integral diferentemente das outras formas de terapia da fala e da linguagem. O efeito integrador e emocional da música diminui a abstração que frequentemente acompanha o ser humano em muitas situações tradicionais de aprendizado da linguagem. A pessoa que apresenta atraso na linguagem pode aprendê-la apenas através da ação verbal. No entanto, pode também aprender a prender através da ação musical. A música é uma linguagem para todas as pessoas. Nos casos mais graves, quando o aprendizado por meio da linguagem não é mais possível, a música se torna indispensável como um recurso humano especial para a comunicação. Utilizando-se a música, pode se iniciar um desenvolvimento de interação em qualquer ser humano. (RUUD, 1991, p. 23)

Assim a música pode contribuir para que a criança especial amplie seus limites físicos ou mentais, despertando sua consciência perceptiva, seu desenvolvimento da audição e do controle motor. Todos estes fatores, sendo desenvolvidos, favorecerão a integração social e emocional da criança. Além disso, outros fatores também podem ser ampliados, como a memória e a atenção.

Seguimos com a descrição da segunda fase de observação participante, agora com inserção no campo do estágio supervisionado obrigatório.

80

4.2 Observação como estagiária

Após o período como integrante do PIBID tive a oportunidade de atuar como estagiária na mesma instituição, durante o período de estágio de observação tive contato com crianças com Paralisia Cerebral, Autistas e Síndrome de Down. Durante as aulas de música essas crianças eram direcionadas a atividades que obedecessem ao ritmo de aprendizagem de cada uma, uma vez que cada criança apresentava um diagnóstico diferenciado.

Pude observar que durante as aulas de música as crianças demonstravam interesse pelas atividades propostas, que em sua maioria eram atividades de escuta de músicas do repertório de seu próprio gosto musical. Segundo a educadora musical do centro, ensinar música não é necessariamente ensinar um instrumento musical, pois na educação especial o professor de música pode trabalhar vários elementos musicais, tais como o ritmo, marcação de tempo, ensinar a manusear algum instrumento, apresentar um repertório do gosto da criança, apresentar jogos musicais,

dentre tantos outros. Para que haja um trabalho consistente o professor de música deve conhecer a deficiência do aluno, obedecer o tempo da criança e quando necessário adaptar os instrumentos para que elas consigam manusear.

Após algumas semanas de observação tive a oportunidade de desenvolver uma atividade com uma criança com paralisia cerebral. Pensando nas limitações que esta criança apresentava resolvi desenvolver uma atividade que pudesse estimular o desenvolvimento auditivo, visual e cognitivo. A partir daí tive a ideia de produzir um tapete no qual chamei de "Tapetinho dos Sons". como mostra a foto a baixo:

Figura 1 - Tapetinho dos Sons



Fonte: Costa, (2015)

Figura 2 - Envelopes



Fonte: Costa (2015) Envelopes utilizados durante a atividade.

O “Tapete dos Sons” possui 6 (seis) retângulos coloridos, cada vez que a criança pisava em cima do retângulo eu apresentava um som por meio do áudio do meu aparelho de celular e a criança dizia qual era o som apresentado, daí a criança pegava um envelope com a mesma cor do retângulo que ela havia pisado e via se tinha ou não acertado, pois dentro do envelope havia o desenho do som emitido. Após ter passado por todos os retângulos do tapete pude perceber a atenção e alegria da criança por ter acertado todos os sons que existiam no tapete.

82

A constatação daquilo que lemos na sala de aula, por exemplo, que para Louro (2012) a aprendizagem musical é inerente ao ser humano e que segundo a autora, o cérebro administra muito bem suas competências, só precisando de ajuda quando há algum problema nos impulsiona a apreender que o indivíduo com deficiência, quando devidamente compreendido em suas dificuldades, apresenta melhor desempenho musical, tanto na absorção de conteúdos quando na *performance* individual, sendo a própria música uma aliada, porque através dela é possível trabalhar as questões psicomotoras e os processos de aprendizagem.

O que então pudemos apreender de todo o processo e o que nos saltou aos olhos trataremos a seguir no que denominamos “Análise e Discussão”.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao refletir sobre a educação musical especial e o processo de aprendizagem, percebemos que muito mais do que ter prática e teoria, os profissionais que se propõem a trabalhar com a educação especial precisam entender o que é solidariedade, o que é amor ao próximo e, principalmente o que é a sua missão com essas pessoas tão especiais.

Diante das experiências, certamente é possível compreender que o principal papel do educador é proporcionar um conhecimento consistente, serio, claro e objetivo, pois muitos são os desafios do educador musical na educação especial. Embora este trabalho seja fruto de observações acreditamos que se existisse uma disciplina, ou ainda que se o assunto pudesse ser tratado de maneira transversal, a saber, a educação especial no curso de Licenciatura em Música que estou matriculada, ainda que de maneira tímida, nortearia muitos dos conhecimentos necessários na formação de professores, sem contar o marco legal já que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), afirmam que é incumbência dos docentes zelar pela aprendizagem do aluno com necessidades especiais na modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino.

83

Sabemos que o processo de ensino-aprendizagem requer constante adequação e renovação de atividades e de materiais musicais pedagógicos, conhecimento e disponibilização de recursos metodológicos que possam promover as condições necessárias como forma de assegurar a apreensão do conhecimento musical.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a importância da educação musical para a aprendizagem dos alunos com deficiência, o ato de escrever sobre isso, levou-nos, e potencialmente a mim como observadora *in loco*, a compreender como precisamos estar cientes de nossa atuação como educadores.

Para nós fica explícito pela experiência, reflexão e volta ao campo experimental que cabe ao educador musical integrar os conhecimentos interdisciplinares a fim de

proporcionar ao aluno com deficiência oportunidades efetivas de desenvolvimento do seu potencial musical, sempre confiando em sua capacidade, tornando o seu aprendizado musical mais fácil e com maiores probabilidades de sucesso. Nesse sentido é preciso considerar que toda nova aprendizagem tende a se fundamentar em conhecimentos já adquiridos e prosseguir confiante de que a aprendizagem desse aluno, que pode apresentar-se em ritmo mais lento inicialmente, se acelerará à medida em que aumentam suas experiências musicais.

Por meio de experiências musicais de longo prazo, as vivências de musicalização do aluno com deficiência podem desencadear o aprendizado significativo, revelando suas maneiras próprias de aprendizagem e colaborando para o enriquecimento da área musical.

Assim, nossas considerações finais apontam para a:

1. Necessidade de conscientização dos gestores curriculares da inclusão da educação como disciplina ou como conteúdo transversal às disciplinas para o

pleno desenvolvimento do indivíduo que opta por um curso de formação de professores;

2. Criação de maiores oportunidades de discussão sobre o assunto em fóruns, seminários, mini-cursos, desde o âmbito da extensão universitária como complemento essencial ao período formativo da graduação até a,

3. Criação de linhas de pesquisa específicas dentro dos programas de pós-graduação, *Stricto Sensu*, nas universidades;

4. Ampliação das oportunidades de contato com o campo de atuação no âmbito da formação de professores;

5. Incentivo à produção de conteúdo específico para educação especial.

REFERÊNCIAS

FANTACHOLLI, F. Crianças com Necessidades Educacionais Especiais na Educação Infantil: uma Perspectiva Histórico-Cultural. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, 2013.

LIMA, C. MELLO, L. A importância da música no processo de aprendizagem. **Revista Ciência Atual**, v. 1, n. 1, p. 104-106, 2013.

SOUZA, A.; PASSOS, C.; LISBOA, G.; SOUZA, L.; CARNEIRO, T. A Inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais e os desafios do docente em lidar com isso.

KEBACK, P. DUARTE, R. Educação musical e educação especial: processos de inclusão no sistema regular de ensino.

PEREIRA, E. Um olhar sobre a aprendizagem de educandos com necessidades educacionais especiais incluídos nos anos finais do ensino fundamental. IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Anais [...]**. Out., 2009.

RUUD, E. **Música e Saúde**. São Paulo. Sumus Editorial, 1991.175 p.